

Travessia do gado

Os caminhos do gado foram, em todos os tempos, de preferência, os vales. Na nossa história, é conhecida a função do vale do São Francisco, na penetração dos rebanhos nordestinos para a região mineradora do altiplano. Na Península Ibérica, a função das "cañadas" foi largamente estudada. De qualquer maneira, a travessia dos cursos d'água constituiu sempre um problema para os movimentos ligados à pecuária.

Em nosso país, esse problema, dada a sua extensão e a precariedade dos caminhos, assumiu aspectos constantes. Entre a região pastoril de Mato Grosso e as regiões oeste e noroeste de São Paulo, por exemplo, para onde grandes rebanhos da primeira convergem, não há passagem contínua sobre o rio Paraná, ou sobre o Paranaíba, quando aqueles rebanhos se destinam ao Triângulo Mineiro, de vez que a ponte ferroviária da Noroeste é privada dos comboios da estrada. Face à ponta da Sorocabana, em frente à qual, em barrancas de Mato Grosso, surgem com frequência pontas numerosas de gado, a travessia se processa em grandes balsas, forma pela qual o gado é também transportado, nos rios Paraná e Paraguai.

Num e noutro, entretanto, onde as amplas balsas de transporte de bovinos não existem, a travessia, quando se impõe, apresenta um problema que os vaqueanos experimentados enfrentam com serenidade. Cabe-lhes, nas por vezes longuíssimas jornadas, em que o gado se esfalta e perde sensivelmente no peso, zelar pela sorte dos animais que conduzem, e a travessia é um dos momentos em que sua segurança pode estar em perigo.

No Paraná, no Paranaíba, no Paraguai, mais naqueles do que neste, entretanto, nos lugares de passagem obrigatória, já conhecidos de longa data pelos vaqueanos endurecidos em seu mister, quando a ausência de balsas obriga, o espetáculo da travessia tem peculiaridades interessantes. Embora dotados de aptidão para nadar, os animais não se atiram à água por iniciativa própria, resistindo mesmo, quase sempre. E isso não só acontece com o boi como com o cavalo.

Face à barranca, em local previamente escolhido, onde o acesso à água não se apresente de imprevisto, os vaqueiros reúnem as reses. Aprontam as canoas. E um dêles, metendo a cabeça numa carcaça de cabeça de boi, mete-se no rio, dando o exemplo indispensável para que, apertadas pelos outros vaqueiros, as reses, confiantemente, se atirem em seguida àquela que supõe a afoita iniciadora da travessia.

Se o momento de entrada nas águas é dos mais críticos, exigindo perícia e presteza dos vaqueiros, não menos difícil é a tarefa de conduzir o rebanho, através do rio, vencendo a correnteza, até a margem oposta. O lugar de abordagem, previamente conhecido, e oferecendo as mesmas condições de acesso, precisa e exige que a correnteza seja cortada obliquamente e que o gado seja tangido, agora por canoieiros.

Assim, através da água de largos rios, os rebanhos bovinos são tangidos, como em terra. Feita a travessia, retomam a jornada por terra, até as pastagens onde, via de regra, em fim de marcha, devem refazer-se das perdas ocasionadas pelo esforço da caminhada e também da travessia.

NÉLSON WERNECK SODRÉ

